

FORMANTES PREFIXAIS E LEXICALIZAÇÃO

Ieda Maria Alves
(USP)

As fronteiras entre formantes¹ afixais e unidades lexicais nem sempre são nítidas. Na língua portuguesa, podemos citar o clássico exemplo da formação do sufixo adverbial *-mente*, originário do "lat. *mens, mentis* 'espírito, alma, razão, sabedoria'; us. no lat. vulg. no abl., quase sempre com um adj., donde locuções modais do tipo *fortemente* 'de alma decidida', *bona mente* 'com boa vontade' etc., torneios que passaram para várias línguas rom. /.../" (Houaiss, 2001, p. 1895). Mais recentemente, encontramos registros de formações compostas em que o segundo substantivo, empregado reiteradamente em várias unidades lexicais, começa a exercer uma função característica dos sufixos. Esse comportamento de alguns substantivos (*base, chave, fantasma, limite, monstro...*) pode ser observado em formações como *documento-base, personagem-chave, funcionário-fantasma, data-limite, comício-monstro*, em que o segundo substantivo ocupa tão frequentemente a segunda posição na composição por justaposição que tende a perder parte de seu significado e a adquirir um valor sufixal (cf. Alves, 1986/1987). Esse papel sufixal de substantivos em formações compostas tem também sido estudado em várias línguas e, relativamente à língua francesa, considera Dubois (1971, p. 178-9) que esse processo corresponde a uma das características do movimento sufixal francês contemporâneo.

De maneira contrária, observa-se também em português que formantes afixais são por vezes empregados em função

¹ Adotamos a terminologia proposta por Quemada (1981), de acordo com a qual o termo *formante* abrange as unidades mínimas ligadas: radicais, elementos de composição herdados das línguas clássicas e afixos (prefixos e sufixos).

substantival ou adjetival e passam a exercer o papel de unidades lexicais. Esse processo, denominado *lexicalização*,² já tem sido observado na língua portuguesa e registrado por nossos lexicógrafos. Ferreira (1986, p. 972), por exemplo, registra o emprego substantival do sufixo *-ismo*: “**ismo** S.m. O sufixo *-ismo*: *Leva o tempo a falar em futurismo, modernismo, dadaísmo e outros ismos /.../*”.

Neste trabalho, descrevemos o processo da lexicalização de formantes prefixais segundo duas perspectivas: substantivação de um formante prefixal, que assume a carga semântica de um radical; emprego do formante prefixal em função adjetival. Estudamos esse fenômeno com base em um *cópus*³ constituído pelas revistas de divulgação e atualidades *Isto É* (IE) e *Veja* (VE), que foram analisadas de janeiro de 1986 a dezembro de 1990 (amostragem sistemática de 30% dos números compreendidos no período) (Cf. Alves, 2000). Consideramos como prefixais os formantes que obedecem aos seguintes princípios: antepõem-se a um radical que constitui uma base livre e, junto a esse radical, constróem uma nova unidade à qual imprimem um significado; constituem uma lista de elementos com semântica fixa, disponíveis para a formação de novas unidades lexicais e, assim, são ou foram relativamente produtivos, fato que determina a criação em série de novas unidades. Formantes de origem latina ou grega que ultrapassaram os limites de uma língua especializada, em geral científica, e são contemporaneamente empregados na língua geral (*hiper-*, *mega-*...), são identificados como prefixais. Como decorrência de os formantes analisados constituírem várias formações, ou criação em série, consideramos que a prefixação deve ser estudada no âmbito da derivação.

² O termo *lexicalização* é definido por Galisson e Coste (1983, p. 433) como: “Uma unidade simples é lexicalizada quando ultrapassa o seu estatuto de origem para produzir uma outra unidade, de categoria sintática diferente”. Empregamos o termo em uma acepção mais ampla, que inclui, também, a passagem de um morfema gramatical para o estatuto de unidade lexical.

³ Em razão de o termo latino *corpus* apresentar um emprego muito freqüente no português, optamos por aportuguesá-lo sob a forma *cópus* (singular) e *cópora* (plural).

As unidades lexicais tomadas como exemplo são neológicas no período estudado. Como *cópus de exclusão*, termo que designa o conjunto de dicionários que servem de referência para a determinação do caráter neológico de uma unidade lexical, levamos em conta dicionários da língua geral contemporâneos e publicados até o final da década de 90, uma vez que o *cópus* estudado foi recolhido durante os anos de 1986 a 1990. São, pois, consideradas como neológicas as unidades lexicais não-integrantes dos seguintes dicionários da língua geral: *Grande dicionário da língua portuguesa*, de Morais Silva (1949-59); *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, de Freire (1957); *Novo dicionário brasileiro Melhoramentos ilustrado*, de Silva (Org.) (1965); *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, de Caldas Aulete (1970); *Dicionário ilustrado da língua portuguesa da Academia Brasileira de Letras*, de Nascentes (1972); *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Ferreira (1986); e do *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*, editado pela Academia Brasileira de Letras (1981).

SUBSTANTIVAÇÃO DE FORMANTES PREFIXAIS

No *cópus* estudado, a substantivação de formantes prefixais é observada em relação aos prefixos *hiper-*, *macro-*, *maxi-*, *micro-*, *mini-*, *multi-*, *super-* e *ultra-*.

Hiper-, muito empregado em co-ocorrência com o substantivo *inflação*, recebe a carga semântica desse substantivo e é empregado em função substantival: *Tarifas defasadas, ditadas pelo Ministério da Fazenda desde o Plano Cruzado, dificilmente poderão ser corrigidas de uma hora para outra, ainda mais num momento em que a inflação beira a <hiper>*. (IE)

Analogamente a *hiper-*, *super-* também recebe a carga semântica do substantivo *inflação* e igualmente se lexicaliza: Não é preciso ser economista para admitir que quando a <super> virasse <híper> o país e todos os seus habitantes estariam hoje numa penúria acachapante. (VE)

A terminologia da Economia fornece-nos outros exemplos desse tipo de lexicalização. Nos tempos de inflação alta tivemos a *máxi*, forma substantivada de *maxidesvalorização*: *No seu estilo de optar sempre pela linha de menor resistência, o governo deverá priorizar o combate à inflação, evitando a <máxi>*. (IE) Multiplicam-se as *múltis*, de *multinacional*, a forma reduzida do sintagma *empresa multinacional*: *As <múltis> só aceitam pagar 18 dólares pela tonelada, alegando queda nos preços da bauxita no mercado internacional*. (VE)

O fenômeno aplica-se a formantes empregados em outras línguas especializadas, como *ultra-*, que em discursos políticos designa “os que se excedem”: *Dentro do peronismo, os <ultra> da esquerda e da direita se matavam a tiros e a bombas*. (IE)

Outros formantes prefixais revelam no córpus analisado o mesmo comportamento e chegam a apresentar um caráter polissêmico. Observa-se, assim, que *macro-* é empregado como forma reduzida dos substantivos *macroinstrução*, termo da informática: *Trata-se de uma planilha mais rápida e com novas funções, com melhorias na aparência e nas funções gráficas e até um menu de comandos para <macros>, entre outras inovações*. (IE); e ainda como redução de *macroobjetiva*, termo da fotografia e da cinematografia: *Função <macro> para focalizar objetos muito próximos*. (VE)

Os formantes *micro-* e *mini-* também recebem a carga semântica da unidade lexical *computador* e passam a exercer sua função semântica e morfológica, tornando-se os substantivos *micro* e *míni*: *Entre um <micro> superavançado e um <míni> de pequenas dimensões compactas, fique com os dois: Sistema Multiusuário*. (IE) Em função substantival, *micro* forma, entre outros, o substantivo composto *microinformática*, a parte da Informática que trata dos programas e equipamentos utilizados em microcomputadores: *A Polymax é uma das pioneiras da nossa <microinformática>*. Já instalou dezenas de milhares de equipamentos. (VE)

Esse valor substantival do formante *micro*, como membro determinante de uma composição por subordinação, não constitui um procedimento inédito no português, como atesta Ferreira (1986, p. 1131): *microcirurgia* (<*micro*(scópio) + *cirurgia*). Cunha e Cintra (1985, p. 111) mencionam esse fato, que denominam *recomposição*. Exemplificam com o formante grego *auto-* (“próprio, de si mesmo”), que ainda é empregado com o valor originário em formações compostas (*autógrafo* = “escrito pelo próprio autor”) e passou a receber a carga semântica de *automóvel* (“veículo movido por si mesmo”) e a assumir esse significado em uma série de novos compostos: *auto-estrada, autódromo...*

FORMANTES PREFIXAIS EM FUNÇÃO ADJETIVAL

O emprego de formantes em função adjetival é observado entre prefixos que expressam intensidade, tanto crescente como também de caráter decrescente.

Verifica-se, assim, que *super-* lexicaliza-se em contextos publicitários para expressar a superioridade de um produto: Além de um número incrível de participantes, o nível de qualidade das frases também foi <super>. (VE)

Macro-, em função adjetival, significa “grande”, “total”: Haverá um plano para os primeiros 100 dias de governo, mas perfeitamente enlaçado com o plano <macro>, como o plano global do governo. (IE)

Mini- e *micro-*, também empregados adjetivamente, passam a expressar intensidade menor do que a manifestada pelos adjetivos pequeno e infantil: Acabou assumindo inteiramente o time da Unimep em julho do ano passado e hoje mantém cinco equipes de basquete: <míni>, infantil, infanto-juvenil e adulto. (IE); E poderá então o Senai concentrar-se no atendimento de exigências de caráter mais geral ou de maior complexidade, e na atenção especial às <micro>, pequenas e médias empresas? (IE)

As características adjetivais de micro- são bastante nítidas nos casos em que ele concorda em número com o substantivo nuclear do sintagma nominal: As <micros>, pequenas e médias empresas não estão conseguindo resistir ao impacto negativo da atual crise econômica. (IE); E a parceria dos ioiôs, das iaiás, dos almofadinhas, dos imigrantes, dos comerciantes, das melindrosas, dos grandes, médios e <micros> industriais, /.../ dos mulatos... da gente que fez e faz o Brasil. (IE) ou é usado em uma comparação: Separada. De Plínio, um microempresário. Aparentemente, mais <micro> do que empresário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A lexicalização de formantes prefixais, que, como já observamos, não constitui um fenômeno recente na língua portuguesa, continua sendo produtiva.

Formações posteriores ao período estudado continuam sendo criadas. Podemos exemplificar com *tele*, substantivo que representa a forma reduzida de *teleoperadora*: *Aliás, um dos poucos que permanecem diretor desde a época do escândalo dos grampos na privatização das <teles>*. (IE, 1999); e com *cheque-pré*, em que o formante prefixal *pré-* assume o valor semântico de *datado*: *Em grandes redes, como as Lojas Americanas e a Mesbla, os <cheques pré> já representam de 30% a 50% das vendas*. (O Globo, 1996)

A vitalidade do recurso da lexicalização pode também ser exemplificada com o uso do recente *penta*, um elemento de composição para o dicionário Houaiss (2001, p. 2179), que, um ano antes da conquista do pentacampeonato de futebol pelo Brasil, já classificava também o formante como substantivo masculino, forma reduzida de *pentacampeão* e *pentacampeonato*. Um desejo, talvez, de nosso mestre lexicógrafo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Bloch, 1981.
- ALVES, I. M. Aspectos da composição nominal no português contemporâneo. *Alfa*, v. 30-1, p. 55-63, 1986/7.
- _____. *Um estudo sobre a neologia lexical: os microssistemas prefixais do português contemporâneo*. São Paulo, 2000. Tese (Livro-Docência) - Universidade de São Paulo.
- AULETE, F. J. C. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Edição brasileira novamente rev., atual. e aum. por Hamílcar de Garcia. Rio de Janeiro: Delta, 1970. 5 v.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DUBOIS, J. Mouvements observés dans les suffixations en français contemporain. In:_____; DUBOIS, C. *Introduction à la lexicographie: le dictionnaire*. Paris: Larousse, 1971. p. 133-97
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FREIRE, L. O. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. 5 v.
- GALISSON, R.; COSTE, D. *Dicionário de didáctica das línguas*. Coimbra: Almedina, 1983.
- INSTITUTO ANTONIO HOUAISS DE LEXICOGRAFIA. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- NASCENTES, A V. *Dicionário ilustrado da língua portuguesa da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: Bloch, 1972.
- SILVA, A. P. (Org.). *Novo dicionário brasileiro Melhoramentos ilustrado*. 3 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965. 5 v.
- SILVA, A. de M. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 10 ed. rev., corr., muito aum. e act. por A. Moreno, Cardoso Jr. e J. P. Machado. Lisboa: Editorial Confluência, 1949-59. 13 v.